





e trazer a temática das narrativas de si, quase vinte anos após ter concluído e defendido minha pesquisa de doutorado, tendo este como um dos conceitos centrais do trabalho e no entrelaçamento entre os estudos (auto)biográficos, a educação/formação e a educação musical.

Desde a época da realização da pesquisa até os dias de hoje, ano de 2023 e como integrante do “Movimento (Auto)Biográfico da Educação Musical no Brasil”, continuo me debruçando e buscando conhecer mais o campo das narrativas ou escritas de si na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica e, desta maneira, pesquisar e ler outros autores que não havia “encontrado” na ocasião do meu doutorado. Dentre as leituras que realizei, webnários e *lives* que participei neste campo, escolhi trazer algumas ideias de autores que pesquisam e escrevem sobre as narrativas de si e, que de modo especial, tem me inspirado e desafiado a rever e ampliar este conceito. Destaco, dentre outros. Passeggi, Souza e Vicentini (2011), em artigo que abordam questões da vida e da formação e pontuam que alguns dos desafios que a pesquisa (auto)biográfica tem para ser consolidada está, “principalmente, quando se considera a diversificação de abordagens, a amplitude de suas temáticas e as possibilidades de entradas oferecidas pelo trabalho com as escritas de si na contemporaneidade, nas Ciências Humanas e Sociais (2011, p.382).

Delory-Momberger (2012) em seu livro “A condição biográfica – ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada”, argumenta sobre algumas implicações e paradoxos da narrativa de si, destacando que:

*A narrativa de si, sejam quais forem as formatações e reificações que ela venha a sofrer na esfera social, não é um objeto que seu narrador (que é também seu ator) possa, facilmente, manter à distância: para este, e ainda mais se a utiliza de forma incipiente e ingênua, ela forma, com sua vida e consigo mesmo, uma mesma coisa. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.63).*

Já um outro aspecto que considero fundamental para entendermos as narrativas de si como parte importante no processo de formação docente, no processo de rememorar, de escrever, de contar, vem deste excerto de Passeggi (2021), no qual a autora nos chama a atenção para o fato de que “O senso comum







Educação Especial. No último ano do nosso subprojeto (2018/1 e 2), houve uma mudança de espaço e passamos a atuar em uma Escola Estadual de Inclusão, deixando a Escola de Educação Especial. Cabe ressaltar que atuei com uma das coordenadoras do subprojeto/Música até o segundo semestre de 2017, quando mudei de função no Projeto.

No segundo semestre de 2017 e no primeiro de 2018, quando estava assumindo como coordenadora Institucional do Projeto PIBID, propus ao grupo uma tarefa intitulada “Histórias do PIBID”, incluindo todos os bolsistas do Programa, tanto os acadêmicos, assim como os professores supervisores das escolas parceiras e os colegas da instituição que atuavam como supervisores dos quatro subprojetos das áreas da Música, Pedagogia, Educação Física e Interdisciplinar. O foco da proposta foi o de coletar as narrativas de si escritas dos bolsistas que tivessem vontade de participar, sem normas rígidas de escrita ou um tamanho de texto pré-determinado, em um exercício de reflexividade narrativa e, desta maneira, poder ter registradas cenas das memórias do PIBID, por e para cada um de nós.

Cada bolsista foi convidado a escrever e relembrar narrativas mescladas com suas práticas pedagógicas, surpresas, encontros e desencontros, desafios, leituras, aprendizagens, relatórios, planejamentos, interrupções, reuniões e lanches coletivos, resumos científicos, eventos e apresentações científicas, escolas, alunos, sonoridades, docência compartilhada, movimentos, emoções e vozes, imagens, frustrações, dentre outras lembranças que fizeram parte das trajetórias desses bolsistas de iniciação à docência, impregnadas de subjetividade. Um exercício de compartilhar suas narrativas escritas que fizeram parte deste processo de formação docente, impregnadas pelas experiências vividas e memórias.

Antes de iniciar com as histórias que foram dando vida a esse material, agradeço a todos os bolsistas que fizeram o PIBID/CAPES/IPA ser um projeto vivo ao longo desses cinco anos e meio, com muitas dificuldades, mas sem













subprojeto, quanto para os bolsistas de iniciação à docência, para as professoras das escolas, alunos e seus familiares. Este era um espaço onde havia um grupo de estudantes jovens e adultos que frequentava a escola no turno da manhã, com faixa etária variada e, que na sua maioria, já frequentava a escola há muitos anos. Já no turno da tarde a escola atendia as turmas das crianças menores, com faixa etária para os anos iniciais do ensino fundamental, formando assim dois perfis bem distintos de estudantes. A organização do subprojeto era de termos um grupo de cinco bolsistas que participava das atividades pela manhã e outro grupo de mais cinco bolsistas atuava no turno da tarde. Esta foi a divisão dos grupos que adotamos nas três escolas parceiras do Subprojeto Música, para darmos conta de termos dez bolsistas em cada escola, sempre participando em dois grupos distintos. Cabe ressaltar que fizemos reuniões de apresentação para os pais, alunos e professores, para nos apresentarmos e falarmos sobre as nossas propostas. Não estávamos lá como estagiários nem professores da escola, mas como bolsistas de iniciação à docência de/em música.

Ainda em relação ao espaço da educação especial e suas singularidades, tendo o acompanhamento e apoio da professora de artes da escola que era a nossa parceira no PIBID, fomos desvelando e conhecendo os alunos e o cotidiano de cada turma. Nesta perspectiva, compartilho as reflexões de Azaleia, ao comentar sobre preconceitos, descobertas e quebra de paradigmas na sua estreia como bolsistas de iniciação à docência:

Na primeira experiência, optei por uma escola de educação especial. Naquela escola descobri um universo de possibilidades na educação, fui por que quis, busquei este desafio, imaginava que seria difícil mas não fazia ideia do quão surpreendente poderia ser. Quebrei paradigmas e preconceitos que havia construído sem ao menos ter me dado conta que tinha,[...] e no momento que aceitei que deveria zerar todas minhas expectativas e aprender mutuamente com nossos alunos recebi um grande presente, um carinho enorme da parte dos alunos. (Azaleia, 2018).

Os momentos de aprendizagens foram amalgamados aos desafios, aos planejamentos de aulas, aos debates a partir de leituras nesta área e, sobretudo ao







despertaram em si o interesse pela música, pesquisando em casa sobre os artistas trabalhados em aula e compartilhando novos conhecimentos com a turma, inclusive trazendo instrumentos de casa para mostrar aos colegas” e finaliza comentando que desde que iniciou no projeto “não houve um encontro em que não fui surpreendida com o poder da música em sala de aula, especialmente com os alunos de inclusão”. Certamente foram processos de formação em ação (Erva-doce, 2018).

Concordo que teria muitas outras narrativas de bolsistas e tópicos para socializar neste artigo, mas não tive o propósito de esgotar nenhuma temática, mas sim de ampliar o diálogo que envolve a temática da formação do educador musical, no diálogo constante entre os espaços das escolas e as Instituições de ensino superior, neste caso de um curso de Licenciatura em música. A partir das narrativas de Erva-doce, Edelvais e Azaleia. Desta feita, pontuo mais uma vez que o objetivo deste trabalho foi o de compartilhar com colegas dos campos da Educação, educação musical e formação docente algumas narrativas dessas bolsistas de iniciação à docência, ao término do tempo do projeto Institucional que, para alguns dos estudantes envolvidos chegou a ser de três anos a três anos e meio, nos quais estiveram imersos nos cotidianos das escolas, com suas reuniões, planejamentos coletivos, práticas musicais, leituras, docências compartilhadas, eventos científicos e inúmeros desafios, permeados por muitas aprendizagens e lembranças.

## **Narrativas finais: inquietações e desdobramentos**

Antes de encerrar essas considerações impregnadas de subjetividade com as narrativas na primeira pessoa das bolsistas de iniciação à docência deste subprojeto PIBID/Música e, eu, assumindo aqui o papel de narradora, trago novamente Passegi (2021) que nos fala das abordagens biográficas e de inquietações que podem ser geradas nesta perspectiva. Com certeza muitas inquietações, reinvenções de si e percepções do outro permearam as narrativas das bolsistas do PIBID e, com certeza, as minhas também, no papel de professora formadora,





narrativas de profissionalização encaminharam-se para que a interpretação sobre o assunto se assentasse no modo como os professores informantes organizam as suas ações”, no sentido de perceberem seus processos de tornarem-se educadores musicais, que “envolvem o meio em que estão inseridos e partilham experiências com o coletivo”, em muitas semelhanças com os contextos deste subprojeto PIBID/Música.

Encerro com um convite final para continuarmos com esta e muitas outras conversas e narrativas com colegas docentes formadores e discentes em diferentes cursos de Licenciatura em Música.

#### Referências:

ABREU, D. V.; MUNHOZ, S. C. O PIBID como espaço de formação, memórias e narrativas de coordenadoras da UnB. In: VICENTINI, P. P., CUNHA, J. L. & CARDOSO L. M. (Org.). *Experiências formativas e práticas de iniciação à docência*. Curitiba: Editora CRV, 2016.

ABREU, D. V. Compreender a profissionalização de professores de música: contribuições de abordagens biográficas. *Opus*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 141-162, 2011.

ALMEIDA, J.. LOURO, A. L. Biografia Músico-Educativa: aspectos teóricos metodológicos. *Revista da ABEM*, v. 27, n. 42, 2019.

ANTUNES, B. A., FERNANDEZ, C. C., HAAS, E., CLAUDIO, F. P., GULARTE, J. L., JUNIOR, S., & TORRES, M. C. A.. Observações, planejamentos e práticas musicais de um grupo de bolsistas PIBID-Música: entre reflexões e ações na Escola. *Revista Da FUNDARTE*, (29), P. 34–49, 2015.

BRAGANÇA, I. F. Pesquisa-formação e histórias de vida de professoras brasileiras e portuguesas: reflexões sobre tessituras teórico-metodológicas. *Revista @ambienteeducação*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 37-48, ago./dez. 2009.

DELORY-MOMBERGER, C.. *A condição biográfica – ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Natal: EDUFRRN, 2012

GARBOSA, L. W.. Narrativas (auto)biográficas e formação docente: o PIBID como dispositivo grupal de formação docente. In: VICENTINI, P. P., CUNHA, J. L. &

